

XXIII Conferência Internacional de Lisboa

Comunicação de Guilherme d'Oliveira Martins
Presidente do Tribunal de Contas

Europa - um modelo para o Mundo

Por me encontrar em Estocolmo, não me é possível participar na Conferência Internacional de Lisboa que assinala os 25 anos do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais. Não quero, porém, deixar de me associar à iniciativa saudando em primeiro lugar o Instituto e o Álvaro de Vasconcelos, e desejando as maiores prosperidades e sucessos para o futuro.

E que poderá dizer-vos neste momento um euro-entusiasta sobre se a Europa pode ser modelo para o mundo? Devo começar por afirmar que vejo com muita preocupação o impasse em que vive neste momento a União Europeia. Cada dia que passa os bloqueios são mais evidentes e temo que esteja a desenvolver-se uma perigosa euro-esclerose, com efeitos nefastos não apenas no nosso continente, mas também no âmbito mundial. E esta perplexidade domina qualquer análise que façamos.

Nietzsche disse que “é a cultura que dota a consciência de memória, mas essa memória é mais função do futuro do que do passado”. A afirmação carece de uma meditação profunda nos tempos que correm. O esquecimento parece dominar a política contemporânea – com efeitos que poderão ser trágicos. E temos de prevenir os efeitos da amnésia sobre a eventualidade de as barbáries que se desenvolveram no século XX se repetirem sob novas e inquietantes formas.

A democracia e uma cultura da dignidade da pessoa humana exigem que recusemos não apenas os egoísmos dos Estados, mas também o uma globalização centrada no fundamentalismo do mercado.

Modelo para o mundo? Não caiamos na tentação de construir um novo “fim da história” à medida das nossas ilusões. A democracia não se confunde com um modelo fechado, clonável ou exportável. A integração democrática ou é aberta ou entra em contradição com a sua vocação essencial – a de construir uma partilha de soberanias, capaz de reforçar o lugar dos cidadãos, de garantir o equilíbrio entre diferentes poderes e influências e de se constituir em factor de paz, segurança, desenvolvimento sustentável e diversidade cultural.

O conceito chave de que temos de partir, assim, é o de integração aberta, fortemente centrada no reforço dos factores políticos de coesão, em contraponto aos factores de fragmentação. Eis por que razão os elementos de integração económica, baseados na liberdade e na concorrência, têm de ser completados por instituições políticas legítimas e eficazes. E o momento que vivemos oferece-nos uma resistência perigosa às audácias dos pais fundadores da União Europeia que, por serem pessoas de fronteira, souberam subalternizar os egoísmos particularistas em relação à construção de equilíbrios indispensáveis, frágeis e difíceis, para defenderem os interesses e valores comuns e preservarem a paz e a felicidade.

Eis por que deveremos procurar hoje responder a três perguntas fundamentais:

(a) Como poderemos traduzir para os cidadãos, envolvendo-os activamente nessa tarefa construtiva, o carácter essencial das estruturas políticas supranacionais, de que a União Europeia é paradigma, como factores de equilíbrio geo-estratégico e de afirmação da democracia?

(b) Que instrumentos eficazes de coesão social, económica e territorial e de combate à crise económica e ao desemprego poderemos criar a partir do desenvolvimento e da cooperação de experiências de integração aberta?

(c) Como poderá uma Organização das Nações Unidas renovada e reformada tornar-se instância catalizadora de experiências de integração aberta, enquanto factores de paz, desenvolvimento e diversidade cultural?

Mais do que da exportação ou da repetição de um modelo ou de modelos do que devemos cuidar é da criação de instituições eficazes e justas, equilibradas e centradas na participação e na representação dos cidadãos. Nesse sentido, a União Europeia só se reforçará se abrir caminho a parcerias entre iguais, desde o Atlântico Norte ao Atlântico Sul, a África e à Ásia emergente. Os egoísmos nacionais e a cegueira dos novos imperialismos só gerarão perigosos factores de fragmentação e de incontroláveis conflitos...

Eis o que vos pode dizer, no lançamento desta reflexão, alguém que está profundamente preocupado com o curso dos acontecimentos...

5 de Dezembro de 2005.